

Público 17-03-2017	Periodicidade: Diário	Temática: Ambiente
	Classe: Informação Geral	Dimensão: 3486 cm ²
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 51453	Página (s): 1/2/4 a 5



2 • Público • Sexta-feira, 17 de Março de 2017

DESTAQUE

MARES

Fundação quer ser um “campeão” mundial dos assuntos dos oceanos

Com 30 milhões de euros para dez anos, a Fundação Oceano Azul vai dedicar-se à literacia, conservação e reflexão sobre os mares. Por exemplo, apoiará a criação de áreas marinhas protegidas

Teresa Firmino

Começámos por perguntar o que é que a nova Fundação Oceano Azul, apresentada hoje em Lisboa, quer vir a ser no futuro – o seu “documento estratégico matricial” diz que ambiciona tornar-se “um campeão internacional nos assuntos dos oceanos”. E Tiago Pitta e Cunha, jurista especializado em assuntos do mar e presidente executivo da Fundação Oceano Azul, responde assim à provocação: “Esta fundação pode vir a alterar as regras do jogo em Portugal na área de ligação aos oceanos. É o maior investimento da sociedade civil alguma vez feito em Portugal na área da sustentabilidade ambiental e da protecção da natureza.”

Ao slogan do “campeão dos oceanos”, sinal de quem aspira tornar-se uma referência internacional, juntam-se outras expressões sobre o que a nova fundação quer ser: “ter

escala”, uma “rede de parceiros internacionais” e “talento”, para cumprir os pilares principais do projecto – a educação e literacia dos oceanos; a sua conservação; e o apoio ao que chamam “capacitação” nesta área, que passará pela contribuição para uma “nova governação” dos oceanos, através do apoio a novas políticas públicas e a boas práticas para a sua exploração sustentável.

Oceanário como emblema

O pontapé de saída do projecto foi em Maio de 2014, com uma reunião no Estoril de 20 especialistas mundiais em oceanos. Daí saiu o referido documento estratégico, que estabeleceu as linhas orientadoras da Fundação Oceano Azul – criada pela Sociedade Francisco Manuel dos Santos, que já tinha criado a Fundação Francisco Manuel dos Santos e que é a principal accionista do grupo Jerónimo Martins, dono do Pingo Doce.

“Portugal está longe de ter conseguido fazer corresponder a real importância que o oceano encerra para o país a uma acção/posicionamento de Estado e a uma resposta da socie-

dade, em geral, que sejam consentâneas com essa importância”, nota o documento estratégico.

Peça importante foi a concessão, em 2015, do Oceanário de Lisboa pelo Estado por 30 anos, por um total de 36,5 milhões de euros (que incluem 24 milhões pelas acções relativas ao oceanário). Todos os anos, o novo concessionário terá ainda de pagar ao Estado 1,3 milhões de euros e 5% das suas receitas.

“A Sociedade Francisco Manuel dos Santos, através da aquisição do Oceanário de Lisboa, enviou um sinal para o exterior”, diz Pitta e Cunha, frisando que assim a Fundação Oceano Azul nasceu já com uma rede de parceiros internacionais. “Para sermos uma fundação que seja um campeão internacional nos assuntos dos oceanos, era preciso ter estas ligações internacionais. Quando se adquiriu a concessão do oceanário, mostrou-se a esses parceiros que se era credível. Isso dá dimensão”, diz. “Todo o dinheiro do oceanário será reinvestido em educação e conservação.” Como campanhas de conservação ou apoio a áreas marinhas protegidas.

Para cimentar essa rede internacional, do conselho de curadores da fundação – que tem como *chairman* José Soares dos Santos (também *chairman* do conselho de administração) – fazem parte a princesa holandesa Laurentien van Oranje-Nassau, empenha-

da na preservação da vida selvagem (preside a organização Fauna e Flora Internacional); Jane Lubchenco, que de 2009 a 2013 presidiu à agência dos EUA para os oceanos e a atmosfera (NOAA); ou Kristian Parker, presidente da Fundação Oak, que se dedica às alterações climáticas e pescas, e vice-presidente da organização Oceana.

O almirante Nuno Vieira Matias, ex-chefe do Estado-Maior da Armada, completa o conselho de curadores, que tem ainda como “conselheiros especiais” Viriato Soromenho Marques e a bióloga Julie Packard, directora do Aquário da Baía de Monterey, na Califórnia. As ligações internacionais estendem-se aos “conselheiros especiais” do conselho de administração, como Heather Holdewey, directora de programação da Sociedade Zoológica de Londres, e Peter Heffernan, presidente executivo do Instituto Marinho Irlandês. “Temos talento e, com esse talento, podemos fazer programas mais disruptores”, frisa Pitta e Cunha. “Os parceiros internacionais que a fundação tem vindo a estabelecer vão maximizar a sua acção em rede, para termos mais escala.”

Hoje é o dia em que a Fundação Oceano Azul é apresentada numa mesa-redonda com a princesa Laurentien, Jane Lubchenco, Vieira Matias e Julie Packard, e encerramento com Marcelo Rebelo de Sousa.

“Estas são as pedras da fundação: o oceanário, uma rede internacional de parceiros e um grupo económico forte”, resume Pitta e Cunha. De facto, além de nomes sonantes na Fundação Oceano Azul, cuja sede é no oceanário, há o dinheiro. O compromisso assumido pela Sociedade Francisco Manuel dos Santos é que a nova fundação (constituída no final de 2016) terá 30 milhões de euros nos próximos dez anos. E nos próximos 30, a fundação espera investir 90 milhões em programas de educação e conservação dos oceanos, que são os lucros estimados do oceanário durante o período de concessão, refere Pitta e Cunha.

Por ano, a Fundação Oceano Azul contará com 5,5 milhões de euros – três milhões saídos da dotação dos 30 milhões atribuídos pela Sociedade Francisco Manuel dos Santos, a que se juntarão 2,5 milhões de lucros anuais gerados pelo oceanário. E o que se irá fazer com esse dinheiro? Planos de actividades, mas para já não há nada de concreto.

É então um regresso do país ao mar? “A Fundação Oceano Azul é uma grande resposta da sociedade civil para fazer o país encontrar-se com o mar”, nota Pitta e Cunha. “É ambição da fundação contribuir para esse reencontro.”

teresa.firmino@publico.pt



4 • Público • Sexta-feira, 17 de Março de 2017

DESTAQUE

MARES



FOTOS: DANIEL BOCHA

O Oceanário de Lisboa é um sítio com muitos animais escanifobéticos

Uma das missões do oceanário, agora da Fundação Oceano Azul, é a divulgação das espécies. Para isso, há *ateliers* para os mais novos. O mais recente é o *Escanifoquê? – À Procura dos Escanifobéticos do Oceanário*

Teresa Serafim

Enzo Esteves está surpreendido, muito surpreendido. Então ninguém o avisou de que nos douradinhos estava a comer carne de tubarão, além de pescada? “Hoje aprendi isso”, diz ainda de boca aberta. Para ele, os tubarões eram animais indomáveis e um autêntico terror para os mergulhadores. Mas nesta visita ao Oceanário de Lisboa isso está a ser desmistificado. “Eles não comem pessoas, muitas vezes são os homens que os caçam”, diz Jéssica Lopes, educadora marinha do oceanário.

É a primeira vez que Enzo Esteves está no oceanário. Acordeu bem cedo e veio com mais 22 colegas da Escola Básica do 1.º ciclo de Artur Martinho Simões, na Amadora, até ao Parque das Nações. Ao contrário de Vasco, a mascote do oceanário, Enzo Esteves, de sete anos, não anda sonâmbulo pelo oceanário. Afinal, tem um

objectivo: “Professora, quero ser mergulhador!” A professora Luísa Gonçalves depressa lhe responde: “Quando fores grande.” Mas Enzo Esteves não se contenta: “Mas ainda falta tanto!” Agora até percebeu que os tubarões não fazem mal e ia ser tudo mais fácil.

De colete reflector vestido, a professora Luísa Gonçalves decidiu trazer ao oceanário a sua turma de 2.º ano, ou não houvesse “uma componente emocional” dela pelos animais marinhos. De certa forma, esta visita é uma ampliação do que se passa na sala de aulas. “Temos dois aquários na sala. Observamos os peixes, damos-lhes comida e vamos vendo como eles crescem. É um espectáculo nas aulas de Estudo do Meio”, conta Luísa Gonçalves. Por isso, esta vinda ao oceanário está a ser o dia D: “As mães disseram-me que eles nem dormiram de madrugada.” Em toda a turma da escola da Amadora, apenas dois ou três alunos já tinham visitado o oceanário,

para os restantes é uma novidade.

Os olhos dos pequenos “mergulhadores” desta escola estão fixos no aquário. E não é um aquário qualquer. É o aquário central do oceanário, com uma capacidade de cerca de cinco milhões de litros de água e sete metros de profundidade. Dentro dele há vida e animais mais ou menos apressados: raias que levantam areia, uma manta gigante “que parece uma baleia” ou ainda os temíveis tubarões. “Estão a ver aquele tubarão amarelo com pintas?”, pergunta Jéssica Lopes. “É o tubarão-zebra”, esclarece. “Mas parece uma chita!”, ouve-se uma criança indignada.

A visita continua e os “mergulhadores” (como o oceanário chama aos pequenos visitantes) vão em fila indiana para outras águas do Atlântico Norte, casa de papagaios-do-mar e das tordas-mergulheiras. Ou vão ainda ao oceano Antártico, onde habitam pinguins-de-magalhães e a andorinha-do-mar-inca, dona de um farto bigode.

Mas a paragem mais prolongada faz-se no espaço do Pacífico temperado, a nível terrestre, junto à costa. Lá, estão duas lontras-marinhas bem relaxadas. O grupo segue-as a boiar e alguns até lhes fazem adeus. Mas

Jéssica Lopes tem segredos a desvendar: “Sabiam que a lontra é o animal com mais pêlo do mundo? E que come dez quilos de comida todos os dias? É como se comêssemos 100 hambúrgueres por dia.” É quando alguém diz: “Assim ficávamos todos gordinhos.” A educadora marinha do oceanário ainda tem uma questão sobre as lontras: “Sabem o que elas comem?” Surgem as mais variadas respostas: “Gelo? Peixe?” Até que Jéssica Lopes revela o mistério: “Marisco, caranguejos ou peixes.” As reacções surgem de imediato: “É chique!” E a visita segue.

Um livro-percurso ilustrado

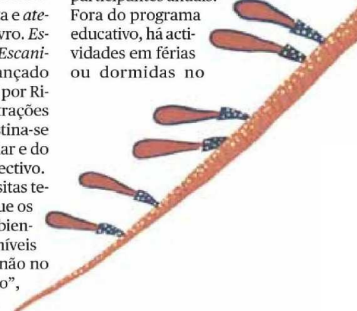
Um dos caminhos desta visita e *atelier* foi a publicação de um livro. *Escanifoquê? – À Procura dos Escanifobéticos do Oceanário* foi lançado em Outubro de 2016, escrito por Ricardo Henriques e tem ilustrações de André Letria. O livro destina-se a alunos do ensino pré-escolar e do primeiro ciclo e tem um objectivo.

“Estamos a tentar fazer visitas temáticas ao oceanário para que os alunos tomem decisões [ambientais]. Isso já era patente nos níveis de ensino mais acima, mas não no pré-escolar e no primeiro ciclo”, diz-nos Teresa Pina, bióloga

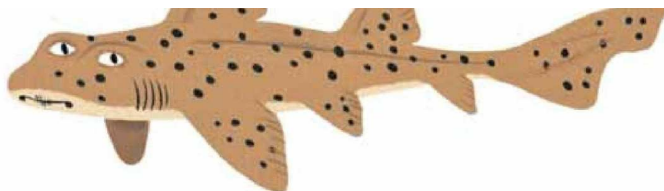
marinha e responsável pela educação no oceanário.

Todos os anos, o oceanário tem um programa educativo com mais de 30 actividades, como visitas guiadas ou *ateliers*. O programa destina-se a alunos e professores desde o pré-escolar ao secundário e os preços variam entre seis e dez euros. Em Outubro, iniciou-se o programa Plasticologia Marinha para os alunos do 1.º e 2.º ciclos e é gratuito, tal como o Vaivém Oceanário. Entre 1999 e 2016, o programa de educação recebeu mais de 965 mil participantes. Só nos últimos cinco anos, este programa teve cerca de 73.000 participantes anuais.

Fora do programa educativo, há actividades em férias ou dormidas no



Ilustrações de André Letria no livro *Escanifoqué? – À Procura dos Escanifobéticos do Oceanário*, escrito por Ricardo Henriques; e a visita de uma escola da Amadora ao oceanário



oceanário, mas com preços mais altos.

Para concretizar a missão do atelier dos animais escanifobéticos, o oceanário tem mais de 500 espécies, entre animais e plantas, e convidaram André Letria e Ricardo Henriques para criarem algo “simples e pequenino” sobre o oceanário. O escritor e o ilustrador começaram em Maio do ano passado e acaba-

ram por fazer um livro com cerca de 50 páginas. É quase do tamanho de uma folha A3.

“Sempre achei que podíamos ser ambiciosos”, começa por dizer André Letria sobre o tamanho do livro. As suas memórias mais remotas do oceanário são logo do seu primeiro ano, em 1998. A partir daí, perdeu conta à quantidade de vezes que fez a visita sozinho, em família ou, agora, com os ateliers das crianças. Só em 2016, o oceanário recebeu cerca de um milhão de visitantes, ano em que também alcançou os 20 milhões de visitas.

Em Julho de 2015, o anterior Governo atribuiu a concessão do oceanário à Sociedade Francisco Manuel dos Santos por 30 anos. E agora é da nova Fundação Oceano Azul. Segundo o relatório de contas de 2015, o oceanário teve de receitas de quase 13 milhões de euros e despesas de quase 11 milhões.

Antes, André Letria já tinha co-

laborado com o oceanário no projecto Maré de Sorte, que funcionava como o jogo da Glória, e já aí teve a experiência de desenhar e de se preocupar o rigor científico.

Mas, afinal, o que é o livro? “Serve de suporte à visita guiada que é feita por um educador marinho do oceanário e vai contando a história da visita e dos animais”, explica Teresa Pina. A acompanhar o Vasco, que é inspirado nos pequenos “mergulhadores” que chegam cedo ao oceanário, está Carlos Lineu. “Fui eu que, no século XVIII, comecei a chamar nomes em latim a todas as espécies de seres vivos”, lê-se no livro.

Depois, houve também a intenção de colocar cultura nas páginas do livro. “Que bigodes destas pessoas [e surgem os desenhos de Salvador Dalí, Charlot, Senhor Indiano e Frida Kahlo] te fazem lembrar os da andorinha-do-mar-inca?”, pergunta-se no livro, por exemplo. “O livro acaba por ser um instrumento para as visitas, mas queremos que seja também uma forma interessante sem o peso de ser uma coisa demasiado enciclopédica”, salienta a bióloga marinha. “Os miúdos gostam muito de aprender e este ambiente ajuda a que aprendam mais.”

Entretanto, os alunos da escola da Amadora vão em direcção ao Índico Tropical, também a nível terrestre. É lá que estão os corais fluorescentes e os “famosos” peixes-palhaço e os cirurgiões-paleta. “Ah, se calhar foi aqui que fizeram o filme do *Nemo*”, comenta um deles. E ainda alguém nota que por ali também anda um cirurgião-paleta: “Olha a Dory!”

Mas Jéssica Lopes tem algo a dizer sobre “esparguete” na água, como lhe chamam muitas das crianças. É uma anémone e tem espígoes venenosos nos tentáculos. Apenas os peixes-palhaço conseguem fazer dela a sua casa, devido à protecção que têm na pele.

E voltamos às águas do Pacífico, mas desta vez a nível subaquático. Foi num dos aquários com um polvo que Maria Leite e a Maria Dias, ambas de sete anos, se perderam de amores por este animal galanteador de oito tentáculos, que muda de cor e textura em segundos e liberta tinta preta para confundir os predadores.

As duas Marias querem mesmo ser mergulhadoras, para estarem mais próximas dos animais. “Gostava de ser mergulhadora, porque assim podia dar comida aos animais e descobria mais coisas sobre eles. Por exemplo, a forma como têm filhos”, conta Maria Leite.

Ajudar a mudar o mundo

É esta a missão do oceanário e agora do livro. “Sempre achei que era importante passar para as crianças a mensagem de preservação e do cuidado com os oceanos”, sublinha André Letria, que revela que ele próprio descobriu “coisas assustadoras” sobre os oceanos enquanto ilustrava o livro. “Não quisemos transformar o livro numa coisa assustadora, porque não era essa a função, mas não quisemos branquear certas coisas, porque elas de facto estão a acontecer.”

Por isso, no livro há actividades sobre os plásticos nos oceanos, como as 4000 cotonetes encontradas numa praia portuguesa durante uma hora, ou sobre a sobrepesca. Ou até avisos: “Por causa deste prato [sopa de barbatana de tubarão], milhões de tubarões são mortos anualmente. Evita esta sopa (só esta) que também pode surgir nas ementas com nomes *Shark Fin Soup* ou *Yu-Chi-Tang*.”

“No fim, as crianças chegam à conclusão de que podem mudar o mundo”, diz com um sorriso Teresa Pina. A par do atelier, as ilustrações de *Escanifoqué? – À Procura dos Escanifobéticos do Oceanário* vão tornar-se painéis espalhados pelo percurso da visita, nas paredes. “As pessoas levam um folheto da bilheteira, podem ir seguindo o percurso e respondendo a alguns desafios muito simples, que se baseiam no conteúdo do livro”, acrescenta André Letria.

E quando é que o livro vai estar à venda para todos? “Também já nos perguntámos isso. Já ouvimos pessoas perguntarem e o próximo passo será fazer isso”, responde o ilustrador.

Por enquanto, um exemplar irá para a sala de aulas de Enzo Esteves, da Maria Leite e da Maria Dias, tal como outras escolas que façam este atelier, para que o seu sonho de serem mergulhadores seja uma realidade.

teresa.serafim@publico.pt

“A Fundação Oceano Azul pode potenciar o trabalho do oceanário. Todo o dinheiro gerado pelo oceanário será reinvestido em educação e conservação

Tiago Pitta e Cunha
Presidente executivo da Fundação Oceano Azul

